

A CONVERSÃO DO ADJETIVO EM ADVÉRBIO EM PERSPECTIVA SINCRÔNICA E DIACRÔNICA

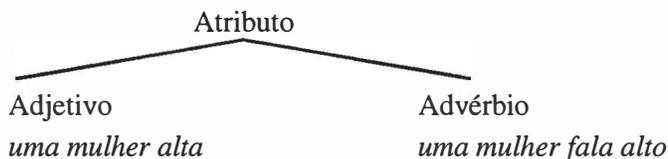
Martin Hummel
Universidade de Graz, Austria

A conversão do adjetivo em advérbio é um processo conhecido em todas as línguas românicas. No caso do português, frases do tipo *Ela corre rápido* são bem mais frequentes no português do Brasil do que no português de Portugal. O advérbio em *-mente* como em *Ela corre rapidamente* pertence à linguagem culta formal, sobretudo escrita, enquanto que o adjetivo adverbializado faz parte da linguagem informal (coloquial), sobretudo falada (v. Hummel 2000b). Psicologicamente, esta repartição complementar é a consequência de os falantes considerarem o advérbio em *-mente* como mais correto do que o adjetivo adverbializado. A frequência do advérbio em *-mente* aumenta portanto com o grau de formalidade que o falante quer dar ao seu discurso/texto. Em Portugal, a influência da norma culta é mais forte do que no Brasil, provavelmente por causa do maior impacto histórico da escolaridade sobre o comportamento lingüístico dos falantes. No caso do Brasil, o adjetivo adverbializado é empregado com muita naturalidade, tanto na linguagem de falantes incultos como também na linguagem informal de falantes cultos. São estes os resultados de uma investigação que apresentei em Hummel, 2000b.

Pretendo mostrar, no presente trabalho, que o processo da conversão do adjetivo em advérbio não surgiu em época moderna, como se pretende por vezes. A conversão é, pelo contrário, o tipo de formação mais comum e mais tradicional de todas as línguas românicas.

1. Terminologia

Existem vários tipos de advérbios: advérbios de tempo, de lugar, de modo, etc. O tipo de advérbio de que acabamos de falar corresponde aos advérbios de modo que funcionam como **atributo de um verbo**, isto é como entidade lingüística que caracteriza o decorrer de um evento (cf. Perini, 1998, 339-40). Este evento é designado por um verbo do qual o advérbio de modo depende sintaticamente. A função atributiva constitui o traço funcional comum da classe dos adjetivos e da classe dos advérbios (de modo):



O adjetivo funciona como **atributo de um substantivo** e o advérbio como **atributo de um verbo**.¹ Nesta perspectiva, o sistema das classes (categorias) de palavras funcionaria, basicamente, a partir de classes principais (substantivo e verbo) e de classes subordinadas atributivas (adjetivo e advérbio). Convém acrescentar que a categoria dos atributos admite também a função de **atributo de um atributo** como em *altamente importante* ou em *muito rapidamente*, onde *altamente* e *muito* são atributos de um adjetivo ou de um advérbio respectivamente. Também não é excluído o emprego dos atributos como atributos de unidades frásticas. É nomeadamente o caso dos chamados *advérbios de frase* do tipo *naturalmente*, *curiosamente*, etc. em frases como *Naturalmente veio*. São **atributos da frase**, ou de uma parte dela, que muitas vezes exprimem a opinião do falante sobre o evento descrito pela frase. Parece passar despercebido que também os adjetivos podem funcionar como **atributos da frase** ou de uma parte dela. Os chamados *adjetivos destacados* são atributos que se referem a um substantivo como *participante do evento* descrito na frase: *Cansada, a menina se foi embora*. Parece-me portanto haver algumas características funcionais que justificam o tratamento comum do adjetivo e do advérbio como subcategorias da **categoria dos atributos**. Não diria que é a única maneira de classificar as classes de palavras que nos interessam aqui. Trata-se porém de uma perspectiva possível que promete alguns resultados interessantes.

2. Os atributos do verbo (advérbios) do português na sincronia atual

Na língua portuguesa podemos distinguir três tipos de advérbio que funcionam como atributos de um verbo:

Advérbio em <i>-mente</i> : <i>bater fortemente</i> , <i>comer rapidamente</i>	Sufixação
Adjetivo adverbializado: <i>comer rápido</i>	Conversão ²
Advérbio curto: <i>comer bem</i> , <i>comer mal</i>	Forma própria

¹ Cf. Pottier, *Lingüística moderna y filología hispánica*:220-1.

² Não concordo com Perini que considera *rápido* como adjetivo: “[...] em (64) *Ela escreve rápido*. [,] *rápido*, que provavelmente deve ser considerado um adjetivo, está modificando um verbo (Perini, 1998, 342).” Chaves de Melo propõe o termo “palavras adverbializadas” (1978, 105).

Os processos da sufixação e da conversão são produtivos. Temos, além disso, uma série limitada de advérbios curtos lexicalizados como *bem*, *mal*, *depressa*, *devagar*, etc. De um ponto de vista sincrônico, o advérbio *forte* poderia pertencer ao segundo ou ao terceiro grupo (*bater forte*). Proponho no entanto classificá-lo com o advérbio curto tradicional, não só por motivos históricos como também pela sua usualidade atual que não permite afirmar que os locutores ainda tenham consciência de ter convertido um adjetivo em advérbio quando utilizam *forte* como advérbio. Seja como for, as duas interpretações são possíveis, e não há motivo para excluir esta duplicidade, como também não há motivo para admitir só uma das variantes *forte* e *fortemente* ou *rápido* e *rapidamente*.

A tradição gramatical apresenta a formação do advérbio pelo sufixo –*mente* como única regra produtiva do sistema da língua atual. Admite, além disso, e por motivos históricos, uma série bastante limitada de advérbios curtos. Na sua nova gramática, Evanildo Bechara admite a existência do mecanismo da conversão: «Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio (Bechara, 1999, 294)». Seria importante, no entanto, indicar também as características diafásicas dos advérbios que podemos resumir da seguinte maneira:

Advérbio em <i>-mente</i> :	Linguagem culta formal	Tendência mais forte em Portugal
Adjetivo adverbializado:	Linguagem informal	Tendência mais forte no Brasil
Advérbio curto:	Todos os registos	Brasil e Portugal

O fato de *forte* ser um advérbio relativamente bem aceite em todos os registos, não só em português como também em outras línguas românicas, é mais um motivo para o classificar preferencialmente como advérbio curto.

3. A produtividade do processo da conversão

No caso do Brasil, a produtividade da conversão do adjetivo em advérbio na linguagem informal não deixa dúvida. Consideremos os seguintes exemplos que observei e anotei em poucas semanas em discursos orais de locutores brasileiros. Podemos distinguir quatro grupos de adjetivos adverbializados, embora seja difícil delimitá-los rigorosamente:

A. Sintagmas lexicalizados

passar batido

dormir picado

B. Série de advérbios em oposição paradigmática ligados a um verbo determinado

jogar aberto/duro/pesado/sujo, etc.

falar claro/gozado/errado/grave/suave/esquisito, etc.

C. Advérbios usuais empregados com qualquer verbo

engordar fácil

preciso contar direitinho

entrou direto

trabalhar duro

parar rápido

comparecer urgente

pega leve, pelo amor de Deus!

deslizar legal

preciso de pessoas que pensam diferente

ela tem medo de cobrar errado

D. Adverbialização produtiva de adjetivos

penso negativo [falante feminino]

resolvi bem espontâneo [falante feminino]

faz mal comer nervoso

o rim funciona acelerado

comer escondido

O grupo A contém expressões lexicalizadas cujo significado lexical é ligado ao sintagma na sua totalidade: *passar batido* ‘passar muito rapidamente’, *dormir picado* ‘dormir de uma vez, sem despertar’. Sintagmas deste tipo aparecem também no segundo grupo (*jogar sujo*). Preferi no entanto incluir estes sintagmas no grupo B. Este grupo é caracterizado por verbos que funcionam como base de séries não limitadas de advérbios que se encontram em oposição lexical paradigmática. Os exemplos dos grupos A e B deveriam aparecer nos dicionários de língua com duas entradas: uma no verbo e a outra no advérbio. Os advérbios do grupo C funcionam praticamente como advérbios curtos do tipo *bem*, *mal*, *depressa*, *forte*, etc. São empregados livremente com qualquer verbo. É possível que os falantes já não tenham consciência de que se

trata de adjetivos adverbializados. O último grupo mostra, a meu ver, que os falantes brasileiros utilizam a conversão como mecanismo produtivo para formar advérbios a partir de adjetivos. Dada a baixa frequência ou quase ausência dos advérbios em *-mente* com função de atributos de um verbo na linguagem informal (Hummel, 2000b), podemos até afirmar que se trata do mecanismo produtivo dominante na comunicação informal. Lembramos que os únicos advérbios em *-mente* com função de atributo de um verbo mencionados na *Gramática do Português Falado*³ são *calmamente*, *precocemente*, *completamente*, *rapidamente*, *globalmente*, *pausadamente*, *brabamente*, *permanentemente*, *exageradamente*, *seriamente*, *inteiramente*, *exclusivamente*, *diretamente*, *terminantemente*, *exatamente* e *categoricamente*. A maioria destes advérbios pertence ao vocabulário culto ou cuidado. Outros funcionam como intensificadores ou juntam esta função à função atributiva propriamente dita. Poderíamos então avançar a hipótese de que a conversão constitui, na linguagem de falantes incultos, praticamente o único mecanismo de adverbialização utilizado. Os falantes cultos optariam na fala formal pelo advérbio em *-mente* e na fala informal pelo adjetivo adverbializado. Em termos estruturalistas, e lembrando o esquema no parágrafo 1, poderíamos dizer que a oposição paradigmática das duas categorias «advérbio» e «adjetivo» é **neutralizada** no registo informal coloquial de falantes cultos e na fala de falantes incultos. Esta neutralização só se produz quando o advérbio funciona como atributo de um verbo, isto é, dentro do sintagma verbal. Seria uma hipótese a verificar nos vários *corpora* de linguagem falada, culta e inculta, atualmente preparados em várias universidades do Brasil. O triângulo acima desenhado reduzir-se-ia a uma categoria só: a arquicategoria dos atributos. Teríamos, ao mesmo tempo, um argumento importante a favor do sistema de classificação das categorias de palavras proposto no triângulo. É evidente, no entanto, que só uma verificação empírica, baseada em corpora da fala culta e da fala inculta, permitirá dar uma resposta definitiva.

4. O caráter pan-românico da conversão

4.1. O francês

O francês costuma ser considerado, hoje em dia, como a língua românica mais marcada pelo processo de standardização e normalização como idioma

³ Castilho 1991, 95-7 e Ilari, 1992: 299-303. Mais pormenores em Hummel, 2000b. Os autores não dão frequências exatas por categoria. Também não fornecem dados sobre o emprego de adjetivos adverbializados no *corpus*. Convém portanto analisar novamente o *corpus* sob estes aspectos.

nacional através de esforços seculares de gramáticos, de políticos e sobretudo da escolarização que atingiu praticamente a totalidade dos franceses a partir de finais do século XIX. Os próprios falantes têm um forte «sentiment du correct». Costumam referir-se, sempre que surge um problema lingüístico, às normas propostas pelas autoridades. No parágrafo seguinte, vou resumir os resultados de um estudo que dediquei ao adjetivo adverbializado francês (Hummel, no prelo).

Na linguagem culta predomina o advérbio em *-ment* junto com uma série limitada de advérbios curtos como *bien, mal, vite*, etc., em parte de origem idêntica à dos advérbios correspondentes do português. O advérbio em *-ment* predomina tanto no registo culto formal como no registo culto informal. O emprego do advérbio em *-ment* caracteriza-se portanto por uma maior extensão que no caso do português do Brasil. Existe, além disso, o adjetivo convertido em advérbio, em frases como *J'y vais rapide*. Os falantes cultos têm uma consciência aguda de mudarem não somente de registo como também de nível de expressão quando recorrem a estes adjetivos adverbializados. Só fazem parte do discurso de falantes cultos, na medida em que muitos destes gostam do jogo lingüístico que permite a alternância de registos pertencentes a diferentes níveis de expressão. O registo que usam, quando recorrem ao adjetivo adverbializado, é o do francês popular, hoje em dia considerado como «argot», isto é, um conjunto de gírias populares ou marginais. São utilizados e voluntariamente preferidos aos advérbios em *-ment* na linguagem «jovem» (o chamado «parler jeune») e no estilo de autores da «littérature d'argot». Nos dois casos, os falantes têm uma atitude rebelde em relação às normas lingüísticas propostas pela escola, pelos pais ou pelos bons autores. Utilizam o adjetivo adverbializado por anticonformismo e para chocar.

A conversão do adjetivo em advérbio ocorre também nos dialetos do francês (Deutschmann, 1959, 6-21). Dada a avançada marginalização dos dialetos franceses hoje em dia, podemos dizer que o processo da conversão existe, no caso do francês, somente em setores bastante marginais da língua francesa: o *argot* e os dialetos. O denominador comum destes setores é a sua exclusiva dependência histórica da *tradição oral* e o seu afastamento da norma culta imposta pelas autoridades. Podemos concluir que o adjetivo adverbializado francês é típico em todos os registos *de tradição oral*, incluindo os dialetos, enquanto que o advérbio em *-ment* predomina nos registos onde a influência da norma culta foi preponderante.

O caso da Louisiana

O caso da Louisiana, colonizada pelos franceses a partir de finais do século XVII, é particularmente interessante por dois motivos. Os colonizadores

eram camponeses que transportaram à Louisiana o uso oral rural das províncias de origem.⁴ Depois de instalados na nova colônia, passaram a viver completamente isolados da França e portanto das normas linguísticas aí transmitidas pelas escolas (Bollée, 1990, 760). Podemos portanto presumir que o francês de Louisiana conservou uma tradição oral rural dialetal com origem no século XVII. No que diz respeito aos advérbios, Deutschmann menciona os seguintes exemplos, no francês de Louisiana (Deutschmann, 1959, 19):

<i>an ll'a éspéré patient</i>	‘a gente esperou-o paciente’
<i>i nous a oubliés complet</i>	‘esqueceu-se completo de nós’

Conwell / Juilland escrevem na sua *Louisiana French Grammar*:

“Many LaF [Louisiana French] adjectives may function adverbially, e.g. [...] *ça halait lourd* [...], *les autres les fait différent* [...], *il guettait content* [...] (Conwell / Juilland, 1963, vol. I; 180).”

Encontram-se, além disso, frases do tipo *ma femme est jaloux*, aliás também atestadas no francês popular nos finais do século XIX e início do século XX (Bauche, 1920, 93, n. 1).

A hipótese do «abuso moderno»

Na opinião de muitos falantes e estudiosos da língua francesa, o mecanismo da conversão é um abuso de origem moderna. Acabamos de ver que não foi assim. A própria hipótese do «abuso moderno» é antiga. Os gramáticos reagiram da mesma maneira quando, no século XIX, o romance moderno de Émile Zola e outros começou a utilizar o francês popular como fonte literária (Robert, 1886, 109-111). E mais: nos textos medievais, portanto anteriores aos grandes esforços de normalização da língua, o adjetivo adverbializado abunda também (v. a coleção de exemplos de Heise, 1912). Trata-se, sem dúvida alguma, de um mecanismo tradicional da língua francesa. É portanto mais provável a hipótese de que a tradição oral antiga da conversão foi, no decorrer dos séculos, pouco a pouco marginalizada pela crescente influência da norma escolar (norma culta) que deu preferência ao advérbio em *-ment*.

4.2. O espanhol

No caso do espanhol, o fato mais importante é a alta frequência dos adjetivos adverbializados nos países hispanoamericanos em relação à Espanha. Kany resume a situação da seguinte maneira:

⁴ Os acadianos do Canadá que se refugiaram na Louisiana no século XVIII não se distinguem, a este respeito, dos francófonos que tinham vindo antes para a Louisiana.

“By analogy with such real adverbs as *alto*, *mucho*, *bajo*, *recio*, *quedo*, *claro*, *cierto*, and *infinito*, etc., American Spanish has colloquially transformed other adjectives into adverbs, which, in many cases at least, would be considered incorrect in peninsular standard Spanish, though some of them may be heard in popular speech (Kany, 1969, 228-9; cf. de Mello, 1992, 228-9 e Hummel, 2000a, 364-416).”

A diferença é tal que os adjetivos adverbializados chegam a ser considerados como americanismos por hispanofalantes europeus (Salvador Plans, 1990, 574). Encontramos portanto uma situação mais ou menos idêntica à que caracteriza o Brasil em relação a Portugal.

A linguagem falada culta e a linguagem falada inculta na Cidade de México

Numa análise do *corpus* do «español culto hablado» em 10 cidades de Hispanoamérica e Espanha, de Mello observa uma maior frequência dos adjetivos adverbializados nas cidades americanas (16 por cento na América contra 11 por cento na Europa (de Mello, 1992, 229).⁵ Mas o que mais interessa aqui são os resultados obtidos na Cidade de México onde existem dois corpora, um *corpus* da linguagem falada culta e outro da linguagem falada inculta. Nesta cidade, a frequência dos adjetivos adverbializados é duas vezes mais alta na «habla inculta» do que na «habla culta». É significativo o caso do adjetivo adverbializado mais frequente *rápido*:

fala culta: *rápido* (69 ocorrências) *rápidamente* (60 ocorrências)

fala inculta: *rápido* (24 ocorrências) *rápidamente* (1 ocorrência)

No *corpus* da fala culta, o adjetivo adverbializado *rápido* ocorre 69 vezes e a forma alternativa *rápidamente* 60 vezes. Na fala inculta a frequência absoluta de *rápido* é de 24 enquanto que *rápidamente* ocorre só uma vez (de Mello, 1992, 231). A frequência de *rápidamente* aumenta portanto com o grau de cultura atingido pelos falantes. Podemos até dizer que o falante culto escolhe entre dois tipos de advérbios, o adjetivo convertido e o advérbio em *-mente*, ao passo que o falante inculto conhece basicamente só o tipo da conversão. Existe portanto *variação diafásica*, no caso do falante culto, e *limitação diastrática*, no caso do falante inculto.

⁵ Infelizmente, o autor incluiu os adjetivos adverbiais flexionados do tipo *ella chega cansada* no grupo dos adjetivos adverbializados. Trata-se no entanto de adjetivos e não de advérbios (v. Hummel, 2000b). Podemos, apesar deste problema, considerar os resultados de de Mello como tendências que caracterizam sobretudo os adjetivos adverbializados, na medida em que só 18 das 187 ocorrências correspondem a adjetivos flexionados.

No parágrafo 3 mostrei que a conversão do adjetivo em advérbio é um processo produtivo no português do Brasil. Consideremos a este respeito o que diz Moreno de Alba sobre a situação lingüística no México:

“La adverbialización de adjetivos, aunque propia de toda la lengua española, se manifiesta con más frecuencia en el español americano («camina *rápido*» por «camina *rápidamente*»). En el caso de *feo*, además de este cambio, se da la modificación de significado: «huele *feo*» por «huele *mal*». Nótese que algo semejante sucede con el adjetivo *bonito* en el español de ciertos hablantes de la ciudad de México cuando dicen, por ejemplo, «que te vaya *bonito*». Evidentemente allí *bonito* no es adjetivo, pues no modifica a un sustantivo, sino adverbio que se refiere al verbo *vaya*, y, por otra parte, el significado de *bonito* (‘lindo, agraciado’) se modifica y adquiere el del adverbio *bien*: «que te vaya *bonito (bien)*». (Moreno de Alba, 1996, 166).”

Parece que a produtividade da conversão é tal que os adjetivos adverbializados chegam a substituir-se aos advérbios curtos tradicionais como *mal* e *bien* na fala de «certos hablantes». Podemos pelo menos afirmar que o processo da conversão chega a criar expressões alternativas para exprimir os significados ‘bem’ e ‘mal’. Grundt menciona um emprego similar do fr. *moche* ‘feio’ no sentido de ‘mal’ no *argot* de Paris: *Ça va moche* (Grundt, 1972, 219).

4.3. O romeno

O caso do romeno é particularmente interessante porque a conversão constitui o único processo de formação de advérbios a partir de adjetivos nas falas culta e inculta:

<i>scrisul frumos</i>	‘a letra bonita’	Adjetivo
<i>el scrie frumos</i>	‘escreve bonito’	Advérbio (Engel, 1993, 860-1)

Os poucos advérbios em *-mente* existentes na língua romena são empréstimos do francês (*completamente, realmente, totalmente*; Engel, 1993, 866 e 873). Note-se que estes advérbios não costumam funcionar como atributos de um verbo mas sim como atributos de adjetivos ou como advérbios de frase.

4.4. O italiano

As gramáticas do italiano apenas mencionam os «aggettivi invariabili» (adjetivos adverbializados) (v. Hummel, 2000a, 434-40). Migliorini escreve:

“Si tratta, com’è noto, del tipo *parlar chiaro*, rappresentato da una serie abbastanza numerosa di esempi, in italiano come nelle altre lingue neolatine. Ma mentre per il francese abbiamo larghe raccolte

di esempi e una minuta discussione del fenomeno, per l'italiano, dove pure il costrutto era stato asservato dai grammatici del Cinquecento e del Seicento, no si hanno che brevi cenni delle grammatiche (Fornaciari, ecc.); mentre sarebbe desiderabile una monografia [...] (Migliorini, 1952, 113).”

Cita exemplos como *risponder secco*, *risponder netto*, *scrivere fitto*, *colpir sodo*, *mangiar pesante*, *bere grosso*, *tagliar corto*, etc.

Como no caso do francês, a conversão do adjetivo em advérbio é largamente usada em grandes zonas dialetais. Os dialectos do sul da Itália e a língua sarda utilizam o adjetivo onde o italiano padrão impõe o advérbio em *-mente* (Rohlf, 1972, vol. III, 127 e Krenn, 1993, 311). O próprio do italiano é a generalização da flexão que muitas vezes inclui atributos nitidamente adverbiais, como no exemplo citado por Meyer-Lübke do romance *I promessi sposi* de Manzoni: «le sue lagrime corsero più facili» (Meyer-Lübke, 1974, vol. III: 448). É importante aqui observar que os dialetos do sul da Itália e o sardo resistiram ao sufixo românico *-mente* **porque já dispunham de um mecanismo funcional** e porque não foram obrigados a utilizar este sufixo imposto pelas normas da língua padrão.

4.5. Conclusões

1. A conversão é o único mecanismo comum a todas as línguas românicas. Podemos portanto supor que este mecanismo já funcionou em latim vulgar, isto é, no latim falado inculto. Não se trata portanto de um «abuso moderno».

2. A conversão é o mecanismo da tradição oral nas línguas românicas. Tornou-se evidente que a conversão é tanto mais freqüente, hoje em dia, quanto menos forte foi a influência da norma escolar (norma escrita culta): dialetos, fala popular, fala inculta.

3. A conversão é o mecanismo que marcou fortemente as línguas românicas no Novo Mundo. Podemos supor que os colonizadores trouxeram este mecanismo ao Novo Mundo. É provável que o isolamento de muitas áreas lingüísticas e as condições de contacto lingüístico no Brasil tenham contribuído para favorecer a conversão como mecanismo mais simples de formação de advérbios.

4. A freqüência dos advérbios em *-mente* depende historicamente da influência da norma lingüística e nomeadamente do grau de escolaridade atingido num país. Esta influência foi bem mais forte na Europa do que no Novo Mundo. Na França, onde a norma mais influência teve, o mecanismo da conversão limita-se aos dialetos e ao *argot*, quer dizer, a espaços lingüísticos que a norma culta pouco atingiu.

5. O português arcaico e medieval

É evidente que os documentos escritos têm valor duvidoso num caso como o nosso em que a tradição escrita culta parece ser o principal responsável pela repressão do mecanismo da conversão. Por outro lado, os códigos oral e escrito não constituem sistemas fechados. A norma oral aparece por vezes em textos escritos mesmo quando não é idêntica à norma da escrita culta. Em cartas entre amigos, as normas do código oral têm às vezes mais vigor que as do código escrito. Já mencionei que em textos franceses anteriores aos grandes esforços de normalização a conversão aparece com muita naturalidade. Podemos supor que se deveriam encontrar exemplos da conversão de adjetivos em advérbios em textos do português arcaico e medieval. Limitar-me-ei a citar as observações de alguns lingüistas especializados.

Segundo José Joaquim Nunes a conversão já existiu na época imperial, chegando a pôr de lado os processos de sufixação por *-iter*, \square ,⁶ etc.:

“Estes processos de formação adverbial [conversão do adjetivo] herdou o português, com as demais línguas românicas, do latim, especialmente o falado na época imperial, segundo o testemunho dos gramáticos, que censuram algumas das expressões em uso no seu tempo, mas, afora eles, ainda este conhecia outros, dos quais muitos deviam ascender ao seu período mais arcaico; tais eram o emprego de velhos acusativos em *-im*, como *sensim*, *pedetentim*, *passim*, *certim*, etc. e a adjunção dos sufixos *-tus*, *-ter* e ainda o *-e* do antigo ablativo-instrumental a substantivos e adjetivos, como em *radicitus*, *coelitus*, *constanter*, *firmiter*, *juste*, *probe*, *romanice*, *gallice*, etc. Estas formações, porém, foram postas de parte pela língua popular, restando apenas da última alguns raros advérbios, como *bem*, *mal*, *longe*, *tarde* e poucos mais [...] (Nunes, 1960, 349).”

Parece que já na época imperial houve gramáticos que censuraram o tipo popular da conversão. É portanto possível que as críticas normativas dirigidas contra a conversão são tão antigas como o processo criticado. Isto leva-nos a crer que a conversão sempre foi um mecanismo coloquial (popular). Nunes menciona os seguintes sintagmas: *comprar caro*, *comprar barato*,⁷ *morar próximo/junto/distante*, *falar alto/baixo*, *ficar certo*, *andar ligeiro*, *vir privado* (‘depressa’), *estar contínuo* (arc. e pop.). (Nunes, 1960, 348).

⁶ O símbolo \square indica a série de sufixos que se subentendem.

⁷ Corominas indica para cast. *barato* a origem de *bajo precio*. Menciona ainda a forma *comprar a barato*. Poder-se-ia portanto explicar pela elisão da preposição *a*.

O estudioso alemão Huber menciona toda uma série de adjetivos adverbializados:

“Manche Adjektiva bleiben auch in adverbialer Verwendung unverändert, d.h. im Mask.: z.B. *muit’aficado* CD. sehr inständig, *aguisado* passend, richtig, *alegre* (Euf. 360), *aposto* CA. passend, mit Anstand, *certo* CD. gewiß, *dōado* geschenkt, umsonst, *festinho* (CA., CV., CM.) eilig, *fremoso* CD. schön, nett, *saboroso* CD. angenehm, lieblich, *sobejo* CD. übermäßig, über alle Maßen (Huber, 1933, 147).”

Citemos também o que García de Diego dizia sobre o galego:

“De la misma manera que en los demás romances se han perdido en gallego los sufijos que el latín utilizaba para la formación de los adverbios de modo [...]. Para compensar esta pérdida nuestra lengua dispone de otros recursos: [...]

b) Tomando como adverbio el mismo calificativo, de cualquier terminación que sea: *rigidu* [>] *rijo* = *rejo*, *bassu* [>] *baijo*, *invitus* ant. *ambidos* (a *envidos* en las *Cánt.*, ant. cast. *amidos* [...]), ‘contra su voluntad’, *quietu* [>] *quedo*, *festinu* [>] *festynno* en las *Cánt.*, ‘rápidamente’ (*festino* en Hita, 509), *vivace* [>] *viaz* en las *Cántl.*, ‘agilmente’ *bonu* [>] *bo* [...] (García de Diego, 1909, 147).”

Segundo este autor, a conversão foi um dos mecanismos que permitiram compensar a perda dos antigos sufixos. Verifica-se portanto a existência do mecanismo da conversão no português que se utilizava quando começou a conquista do Novo Mundo. O *Corpus do português medieval* atualmente constituído por uma equipe de professores na Universidade Nova de Lisboa sob a direção de Maria Bacelar do Nascimento permitirá sem dúvida maior clareza.

6. Do latim ao português: pistas para a investigação futura

Não pretendo, nesta pequena contribuição, descrever a história do sistema adverbial românico desde o latim até hoje (mais pormenores em Hummel, 2000a, 449-81). O meu objetivo limita-se a formular uma hipótese acerca da diacronia deste sistema adverbial, combinando dados diatópicos, diastráticos e diafásicos obtidos em épocas mais recentes. Queria mencionar, no entanto, que o mecanismo da conversão já existiu no latim.

Na norma culta do latim, o processo normal é o da sufixação por uma série de sufixos. Os sufixos mais frequentes são $-\square$ e $-\text{iter}$:

Regras principais: *longus, longa, longum* (adj.) → *long*□ (adv.)
fortis (adj.) → *fortiter* (adv.)

Em alguns casos existem duas formas:

firmus (adj.) → *firm* □ (adv.) e *firmiter* (adv.)

humanus (adj.) → *human* □ (adv.) e *humaniter* (adv.)

Uma parte dos sufixos, entre eles o sufixo -□, são antigos *casos* (*instrumentalis*) que já tinham perdido esta função na época do latim clássico. Esta observação poderia ser importante, na medida em que a concepção do advérbio como mero caso do adjetivo está bem mais perto de uma conversão que a concepção do advérbio como palavra formada a partir de adjetivos por sufixação.

A conversão parece existir a título de exceção, ou seja, aparece como tal quando se estudam textos escritos:

Exceção: *facilis* (adj.) → *facil* □ (adj. ac. sg. neutro) → *facil* □ (adv.)

Encontram-se mais exemplos, já na época clássica:

dulce ridentem Lalagen amabo, dulce loquentem (Hor., *Carm.* 1, 22, 23-24). (Dias, 1959, 66)

O modelo latim foi imitado no português:

Doce tanges, Pierio, doce cantas (Ferreira, *egl.* 2., ap. Moraes). (Dias, 1959, 65)

Karlsson menciona, além disso, os seguintes advérbios: *brev* □, *difficil* □, *grav* □, *celer* □, *concord* □, *dispar* □, *dulc* □, *fidel* □, *grand* □, *imman* □, *immortal* □, *impun* □, *iug* □, *lugubr* □, *mit* □, *perenn* □, *perspicac* □, *praecoqu* □, *procliv* □, *segn* □, *sublim* □, *vil* □ (Karlsson, 1981, 17).

Lembramos que *facil* □ deu origem a adjetivos nas línguas românicas que fazem parte dos adjetivos frequentemente adverbializados e que mais penetração têm nos textos escritos. É o caso do pt. *fácil*, do esp. *fácil* e do fr. *facile*, para mencionar apenas as línguas românicas cujo uso conheço por experiência própria. É um caso curioso, na medida em que o esp. *fácil* não procede diretamente da forma latina porque, neste caso, se teria perdido a *f*- inicial. Será que as propriedades semânticas deste adjetivo tiveram um papel decisivo para que a sua conversão em advérbio chegasse a generalizar-se nas línguas românicas?

Conclusão: Não cabe dúvida de que a conversão já existiu no latim, embora seja difícil pronunciar-se sobre a sua frequência na linguagem informal. Sabemos no entanto que não passou de ser um mecanismo ocasional e marginal na linguagem escrita culta. Não podemos afirmar nem rejeitar nenhuma das duas hipóteses seguintes: 1. A conversão como processo predominante já

no latim informal de todas as épocas. 2. A origem da conversão como processo predominante durante a formação das línguas românicas, a partir de um latim vulgar onde a conversão teria sido um processo entre vários. Temos algumas indicações da existência da conversão no latim clássico. Não é de excluir que se trate de elementos do código oral informal que aparecem por vezes no código escrito, como também acontece hoje. O mais provável é, a meu ver, a hipótese de que a conversão foi um mecanismo existente mas bastante limitado no latim clássico. No latim vulgar, este mecanismo econômico conheceu uma expansão natural pela perda do código culto (escrito). A própria perda da categoria funcional dos casos, que fez aparecer muitos advérbios como casos de um adjetivo, poderá ter contribuído para dinamizar o mecanismo da conversão.

7. O caráter universal da conversão e a explicação diacrônica

O caráter universal de um mecanismo lingüístico não pode nunca explicar uma evolução histórica concreta. Se fosse esse o caso, todas as línguas conheceriam somente o mecanismo da conversão. O que pode acontecer sim, é o favorecimento do mecanismo mais econômico em determinados contextos, como por exemplo o contacto lingüístico permanente no Novo Mundo. O que tem a conversão de econômico ou de universal? O caráter universal da conversão explica-se simplesmente pelo fato de cada falante saber que pode formar advérbios a partir de adjetivos, ou seja, que ambas as categorias são *fundamentalmente* a mesma. A marcação das categorias por sufixos ou casos é um recurso morfológico *suplementar* que serve para marcar o que já está plenamente justificado a partir da função de atributo. Daí possivelmente a relativa debilidade dos sufixos adverbiais na diacronia das línguas românicas, assim como a sua maior frequência na linguagem formal. A perda de influência da norma culta latina e as diversas circunstâncias de contacto lingüístico no território conquistado pelos romanos poderiam ter favorecido o mecanismo econômico da conversão, uma vez que não era desconhecido no latim.

Conclusão geral

Mostrei que o mecanismo da conversão do adjetivo em advérbio está longe de ser um abuso moderno. Trata-se, pelo contrário, do único mecanismo de formação de advérbios produtivo comum às línguas românicas examinadas aqui. É o mecanismo da tradição oral que aparece principalmente nos códigos orais pouco influenciados pelos esforços normativos (dialetos, *argot*, linguagem popular, linguagem informal, etc.). No código formal, que corresponde à norma culta (escrita), predomina o mecanismo da sufixação com *-mente*, com exceção do romeno, que só conhece a conversão.

Do ponto de vista da teoria dos registos de linguagem, parece portanto pertinente a distinção, pelo menos na sincronia atual das línguas românicas, entre código formal e código informal. Os diferentes registos pertenceriam a um destes códigos ou aos dois códigos (código neutral). Os termos de «Distanzsprache» (linguagem de distância) e de «Nähesprache» (linguagem da proximidade), propostos por Koch / Oesterreicher 1990, parecem exprimir antes *efeitos* possíveis daquilo que melhor seria chamado *código formal e código informal*. Esta abordagem explicaria, por exemplo, o freqüente uso do adjetivo adverbializado na publicidade da televisão brasileira.

Compare-se, a este respeito, a frase publicitária autêntica *Até o ferro desliza mais suave!*, utilizada na televisão brasileira para descrever os efeitos de um detergente amaciador, com a frase alternativa *Até o ferro desliza mais suavemente!* Podemos dizer, unindo a minha abordagem com a de Koch/Oesterreicher e a de Bühler, que o adjetivo adverbializado pertence ao *código informal* que tem como *função sintomática* (Bühler, 1982, 28) a da *proximidade* e como *função apelativa* (Bühler), no caso da publicidade, a da *persuasão*. Até no caso do francês, conhecido pelo vigor das normas do código formal, observa-se um freqüente uso do adjetivo adverbializado na linguagem publicitária, muitas vezes atribuído à influência do inglês e severamente criticado do ponto de vista da norma formal.⁸

Do ponto de vista da teoria das categorias ou classes de palavras tornou-se evidente a utilidade da arquicategoria dos atributos que se subcategoriza, essencialmente no código formal, em adjetivos e advérbios. A utilidade desta abordagem confirmou-se tanto na perspectiva sincrônica como também na diacrônica, na medida em que a conversão apareceu como uma neutralização da oposição adjetivo/advérbio dentro do sintagma verbal que só podemos explicar pela existência de uma arquicategoria: a dos atributos.

Na perspectiva diacrônica, parece evidente que tanto os colonizadores francófonos da Louisiana como os colonizadores do Novo Mundo luso-hispânico trouxeram o mecanismo da conversão do adjetivo em advérbio como processo produtivo quando chegaram ao novo continente. O contexto de contacto lingüístico e a influência bastante limitada da norma culta (escolaridade) favoreceram provavelmente a maior divulgação do mecanismo econômico da conversão no Novo Mundo, enquanto que na Europa a norma culta chegou a marginalizar a conversão, com exceção do romeno, que ficou isolado do resto da România. No que diz respeito à origem deste processo, limitei-me a esboçar algumas pistas de investigação. Cabe à futura investigação esclarecer-nos com

⁸ V. Wagner/Pinchon, 1987, 150; Moignet, 1963, 178; Schütz, 1968, 104-5.

mais pormenor sobre a origem da conversão no caso da formação dos advérbios nas línguas românicas.

Bibliografia

Henri Bauche, *Le langage populaire*, Paris, Payot, 1920.

Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Lucerna, 1999, 37.ª ed. revista e ampliada.

Annegret Bollée, «Frankophonie IV. Regionale Varianten des Französischen außerhalb Europas I», *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, (eds. Günter Holtus, Michael Metzeltin, Christian Schmitt), Tübingen, Niemeyer, 1990, vol. V,1, p. 740-67.

Karl Bühler, *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache*, Stuttgart / New York, Gustav Fischer, 1982 [=1934].

Joaquim Mattoso Câmara Júnior, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão, 1979, 3a ed.

Castilho 1991 (v. *Gramática do Português Falado*, vol. I).

Marilyn J. Conwell / Alphonse Juilland, *Louisiana French Grammar*, vol. I, Den Haag, Mouton, 1963.

Celso Ferreira da Cunha / Luís F. Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 1984.

George de Mello, «Adjetivos adverbializados en el español culto hablado de diez ciudades», *Linguística española actual* 14 (1992) 225-42.

Olaf Deutschmann, *Zum Adverb im Romanischen*, Tübingen, Niemeyer, 1959.

Augusto Epiphânio da Silva Dias, *Syntaxe Historica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica, 1959, 4a ed.

Frédéric C. Diez, *Grammaire des langues romanes*, vol. I, Genève, Slatkine, 1973 [=1874-76], 3e éd. refondue et augmentée.

Joseph Dunn, *A Grammar of the Portuguese Language*, London, Nutt, 1930.

Ulrich Engel et al., *Kontrastive Grammatik. Deutsch-rumänisch*, vol. I et II, Heidelberg, Groos, 1993.

Vicente García de Diego, *Elementos de gramática histórica gallega*, Burgos, 1909 [edición facsimilar in: *Verba*, anexo 23, Santiago de Compostela, 1984].

Gramática do Português Falado, vol. I, (ed. Ataliba Texeira de Castilho), Campinas, Editora da Unicamp, 1991, 2a ed.

Gramática do português falado, vol. II, (ed. Rodolfo Ilari), Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

Lars-Otto Grundt, *Études sur l'adjectif invarié en français*, Bergen etc., Universitetsforlaget, 1972.

Wilhelm Heise, *Zur historischen Syntax des adverbial gebrauchten Adjektivs im Französischen*, *Romanische Forschungen* 31 (1912) 873-1038.

Joseph Huber, *Altportugiesisches Elementarbuch*, Heidelberg, Carl Winter, 1933.

Martin Hummel, «Zur Übersetzung adverbaler Adjektive aus dem Spanischen ins Französische. Mit einem kurzen Blick auf das Italienische und Portugiesische», *Grammatische Strukturen und grammatischer Wandel: Festschrift für Klaus Hunnius zum 65. Geburtstag* (eds. Udo L. Figge / Franz-Josef Klein / Annette Martinez Moreno), Bonn, Romanistischer Verlag, 1998, 209-233.

Martin Hummel, *Adverbale Adjektive im Spanischen*, Tübingen, Narr, 2000. [2000a]

Martin Hummel, «Considerações sobre os tipos *ela fala esquisito* e *ela chega cansada* no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal», *Estudos de gramática portuguesa (II)*, Hrsg. Eberhard Gärtner / Christine Hundt / Axel Schönberger, Frankfurt/Main (TFM) 2000: 87-123. [2000b]

Martin Hummel, «Adjectif adverbial, adverbe en *-ment* et adverbe court», [no prelo].

Ilari 1992 (v. *Gramática do Português Falado*, vol. II).

Charles E. Kany, *Sintaxis hispanoamericana*, versión española, Madrid, Gredos, 1969.

Keith E. Karlsson, *Syntax and Affixation. The Evolution of MENTE in Latin and Romance*, Tübingen, Niemeyer, 1981.

Peter Koch / Wulf Oesterreicher, *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*, Tübingen, Niemeyer, 1990.

Herwig Krenn, «Vom lateinischen zum romanischen Adverb», *Grammatikographie der romanischen Sprachen*, (ed. Christian Schmitt), Bonn, Romanistischer Verlag, 1993, p. 302-18.

Manu Leumann / Johann Baptist Hofmann / Anton Szantyr, *Lateinische Grammatik*, vol. II: *Lateinische Syntax und Stilistik*, München, Beck, 1972, verbesserter Nachdruck der 1. Aufl. von 1965.

Clarinda de Azevedo Maia, *História do Galego-Português. Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o Século XIII ao Século XVI*, Coimbra, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997 [=1986].

Gladstone Chaves de Melo, *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1978, 3a ed.

- Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, vol. II e III, Genève, Slatkine, 1974 [=1890-1906].
- Bruno Migliorini, «Il tipo sintattico *votate socialista*», *Lingua nostra* 13 (1952) 113-18.
- Gérard Moignet, «L'incidence de l'adverbe et l'adverbialisation des adjectifs», *Travaux de linguistique et de littérature* 1 (1963) 175-94.
- José G. Moreno de Alba, *Nuevas minucias del lenguaje*, México, Fondo de Cultura Económica, 1996.
- José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica, 1960, 6a ed.
- Mário A. Perini, *Gramática Descritiva do Português*, São Paulo, Ática, 1998, 3a ed.
- Harm Pinkster, *Latin Syntax and Semantics*, London / New York, Routledge, 1990.
- Antonio Salvador Plans, «Spanisch: Areallinguistik VIII. Südamerika», *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (eds. Günter Holtus, Michael Metzeltin, Christian Schmitt), Tübingen, Niemeyer, 1990, vol. VI,1, p. 567-77.
- Bernard Pottier, *Lingüística moderna y filología hispánica*, Madrid, Gredos, 1970.
- C.-M. Robert, *Questions de grammaire et de langue française*, Amsterdam, Brinkmann, 1886.
- Gerhard Rohlfs, *Historische Grammatik der Italienischen Sprache und ihrer Mundarten*, vol. III, Bern (Francke) 1972, 2 a ed.
- Armin Schütz, *Die sprachliche Aufnahme und stilistische Wirkung des Anglizismus im Französischen aufgezeigt an der Reklamesprache (1962-1964)*, Meisenheim / Glan, Hain, 1968.
- Robert Léon Wagner / Jacqueline Pinchon, *Grammaire du français classique et moderne*, Paris, Hachette, 1987 [dépot légal], éd. revue et corrigée.